



## Artigos/Articles

### Fracasso, Afetos e Capitalismo, uma entrevista com Érico Andrade

#### Failure, affect and capitalism, an interview with Erico Andrade

Bruno Coutinho de Souza Oliveira <sup>1</sup>

Érico Andrade<sup>2</sup>

**Resumo:** Nesta entrevista Bruno Coutinho conversa com o psicanalista e filósofo Érico Andrade sobre seu livro “Sobre *losers*: fracasso, impotência e afetos no capitalismo contemporâneo” (2019). Nele, o autor discute a idealização do que seria o indivíduo moderno – esse ser racional, disciplinado e que acredita controlar o tempo e a Natureza. Reflete de forma crítica como o capitalismo se utiliza dessas premissas para estruturar seu sistema de produção e dominação nas sociedades modernas. No entanto, para o autor, é exatamente o acaso, a dimensão do incontrolável e do inegociável, que se mostra como determinante sobre a vida cotidiana, impondo ao indivíduo o sofrimento de sua incapacidade ontológica de ser aquilo que foi idealizado pela ideologia liberal. Esse “Ideal do Ego” provoca desdobramentos negativos resultantes do processo permanente e crescente de hiperindividualização do ser: ele se culpa permanentemente. Para o autor é no mundo do trabalho que esse sujeito sente os efeitos danosos da ideologia do capitalismo em sua psique. O fracasso inerente à condição na modernidade transforma esse sujeito em *loser*, reafirmando ideologicamente a falsa responsabilização total do indivíduo sobre si, sobre suas possibilidades de fracasso ou sucesso na vida. Tal mecanismo estabelece-se como a lógica que estrutura e que mantém a opressão e a hiperexploração dos trabalhadores na contemporaneidade. A culpa torna-se o regulador do próprio capital.

**Palavras-chave:** fracasso; afetos; identidade; capitalismo

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9499-6747>. E-mail: [brunocouti@gmail.com](mailto:brunocouti@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4956-7713>. E-mail: [Ericoandrade@gmail.com](mailto:Ericoandrade@gmail.com)

## ABSTRACT

---

*In this interview, Bruno Coutinho talks with psychoanalyst and philosopher Érico Andrade about his book "On Losers: Failure, Impotence, and Affects in Contemporary Capitalism" (2019). In it, the author discusses the idealization of what the modern individual should be – this rational, disciplined being who believes they control time and Nature. He critically reflects on how capitalism uses these premises to structure its system of production and domination in modern societies. However, for the author, it is precisely chance, the dimension of the uncontrollable and the non-negotiable, that proves to be determinant in daily life, imposing on the individual the suffering of their ontological inability to be what was idealized by liberal ideology. This "Ego Ideal" provokes negative consequences resulting from the permanent and growing process of hyper-individualization of the being: they permanently blame themselves. For the author, it is in the world of work that this subject feels the damaging effects of the ideology of capitalism on their psyche. The inherent failure of the modern condition transforms this subject into a loser, ideologically reaffirming the false total responsibility of the individual for themselves, for their possibilities of failure or success in life. This mechanism establishes itself as the logic that structures and maintains the oppression and hyper-exploitation of workers in contemporary times. Guilt becomes the regulator of capital itself.*

**Keywords:** keyword1, keyword2, keyword3, keyword4.

### 1. Introdução

Érico me concedeu a entrevista<sup>3</sup> que ora apresento, sobre seu livro intitulado "Sobre *losers*: fracasso, impotência e afetos no capitalismo contemporâneo" (2019). A obra explora questões inquietantes sobre esse ser denominado "indivíduo moderno", questionando como esse indivíduo dotado de uma suposta capacidade de controle e previsibilidade de sua vida – características que formam o ideal do sujeito moderno/liberal – estaria imerso em uma lógica que o aprisiona em si mesmo em uma "jaula de ferro" de culpa e do sentimento de fracasso. Eis que surge a identidade do "loser", ou seja, o "perdedor", aquele não possui a competência exigida para exercer seu direito de liberdade plena para alcançar o sucesso exigido como condição *sine qua non* na sociedade capitalista.

Nessa entrevista, Érico apresenta uma visão da vida real sem deixar de complexificar filosoficamente os sentidos atribuídos por todos nós aos valores

---

<sup>3</sup> Essa entrevista foi realizada no âmbito do Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada da UFRJ e publicada no blog CONTXT – plataforma online de produção de conhecimento do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). <https://contxt.letas.ufrj.br/>

que norteiam nossas atitudes e o que julgamos ser de nossa responsabilidade. Ser produtivo até a exaustão, cumprir todas as metas definidas pelo chefe, fazer o cálculo certo sobre nossos planos de vida, controlar os passos de forma meticulosa para a realização pessoal, ser alguém reconhecido como destaque entre seus pares profissionais ... todo esse arcabouço valorativo está imerso na origem da própria filosofia liberal. Nesta ideologia, a sociedade civil seria resultado da própria capacidade dos indivíduos de negociarem entre si. Nesse modelo é o mercado quem funda a modernidade e mantém de pé aquele que se apresenta de maneira mais hábil: nasce assim "o vencedor". Contudo, há um preço alto a ser pago por cada um de nós, principalmente para parte da população que se encontra entre os estratos sociais mais populares e periféricos da sociedade de classes, aprofundando e adoecendo ainda mais as pessoas na ordem de dominação e de exploração completa da vida no capitalismo neoliberal.

## 2. A entrevista

**Bruno Coutinho:** É um prazer recebê-lo, Érico. Agradeço por aceitar participar deste diálogo do nosso grupo de pesquisa. Faço uma breve apresentação: Érico Andrade é psicanalista e filósofo, doutor pela Sorbonne (Paris IV), professor associado da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e bolsista de produtividade do CNPq. Ele pesquisa temas como identidade, sofrimento e racismo. Hoje, nosso foco é sua obra de 2019: *"Sobre losers: fracasso, impotência e afetos no capitalismo contemporâneo"*. Para começar, você poderia reconstruir, em linhas gerais, o argumento central desse livro?

**Érico Andrade:** O livro toca em um ponto nevrálgico do capitalismo: a questão do controle de si. A ideia de que podemos nos controlar é constituinte desse sistema e deriva da noção de propriedade. Historicamente, a propriedade começa com o próprio corpo. Filósofos como John Locke argumentam que a propriedade é fruto daquilo que transformamos pelo trabalho; como o corpo é minha primeira propriedade, o que ele modifica na natureza passa a me pertencer. Embora essa noção de "cercadinho" seja uma construção cultural e falsa em muitas outras sociedades, ela é a base do capitalismo. É ela que sustenta a ideia de que podemos "empreender", que o sucesso é apenas uma questão de esforço, disciplina e gestão do tempo. Daí surgem ditados como "trabalhe enquanto eles dormem" ou "tempo é dinheiro".

**Érico Andrade:** O problema é que essa sensação de controle total sobre a existência é uma fantasia. Não temos condições materiais para controlar tudo; na verdade, controlamos quase nada. O capitalismo é especialista em vender promessas e expectativas que não se materializam. Quando essa fantasia falha, introjetamos o fracasso como uma falha estritamente individual. É o que chamo de processo de subjetivação do "Loser". Utilizo o termo em inglês porque ele pertence à língua máxima do capitalismo. O *loser* (perdedor) é aquele que assume o "Ideal do Ego" capitalista como norma social. Quando ele não atinge

o topo da pirâmide, ele não questiona o sistema hierárquico, mas culpa a si mesmo por não ter se esforçado o suficiente. O grande trunfo do capitalismo é, portanto, a privatização da culpa.

**Bruno Coutinho:** É interessante notar que o *loser* também serve como um exemplo negativo necessário. Para que a lógica da produção se mantenha, o sistema precisa apontar para o fracassado como aquilo que ninguém deseja ser.

**Érico Andrade:** Exatamente. No antigo "Jogo da Vida", se você perdesse, terminava como "filósofo na fazenda" — uma caricatura da falta de potência. O capitalismo é indissociável de uma dimensão fálica, masculina e branca de virilidade e poder.

**Bruno Coutinho:** No seu livro, você articula autores como Foucault e Nietzsche para discutir a "vontade de poder" e a "vontade de saber". Como você entende essa articulação em um indivíduo que, ao mesmo tempo que busca autonomia, está submetido a ordens profundas de dominação e alienação?

**Érico Andrade:** Essa vontade de poder (ou potência) é frequentemente uma construção fantasmática. Ela tem uma força pessoal imensa porque mexe com o desejo de controle, algo quase evolutivo. O capitalismo capta esse desejo e promete um controle sobre as coisas que é da ordem do imaginário. Foucault nos ajuda a entender que o poder funciona por capilaridade. O sistema vence porque as pessoas acreditam nele e o reproduzem como um ideal de vida. Não é algo imposto apenas de fora para dentro; o indivíduo projeta o sistema em si mesmo.

**Bruno Coutinho:** “Isso é muito visível na educação. Dou aulas para o terceiro ano do Ensino Médio e vejo jovens de classe média imbuídos do sonho de serem médicos, não por vocação, mas pelo retorno financeiro e pelo status. Eles não admitem pensar em outras possibilidades porque o médico é a performance máxima do vencedor. Quem não atinge esse patamar, dentro dessa lógica, é visto como um *loser*. Isso gera um grau agudo de alienação e, futuramente, patologias como a depressão.”

**Érico Andrade:** Outro aspecto central que discuto no livro é a noção de irreversibilidade. Na física e na filosofia, a irreversibilidade nos diz que não podemos voltar no tempo; cada ação abre uma árvore de possibilidades que, uma vez trilhada, é definitiva. O problema contemporâneo é que os algoritmos estão orientando essas possibilidades. Eles criam sistemas fechados, as chamadas "bolhas", onde a capacidade de reversibilidade — ou seja, de mudar de ideia ou de sair de um caminho pré-determinado — é deteriorada. O algoritmo não é apenas uma ferramenta; ele orienta a irreversibilidade do ponto de vista social e político. Se a entropia mostra que as coisas tendem à desorganização, o algoritmo tenta cristalizar as crenças, fazendo com que o indivíduo caminhe para um abismo de isolamento, onde só existe a bolha e nada fora dela.

**Bruno Coutinho:** É como se o algoritmo fosse uma "Matrix", uma programação que organiza a vida e retira o espaço do acaso. Você acredita que o acaso está perdendo terreno para essa reprodução algorítmica?

**Érico Andrade:** A fantasia capitalista é justamente essa: eliminar o acaso, controlar o imponderável. Embora o acaso seja constitutivo da existência e impossível de ser totalmente diluído, o controle das redes sociais sobre a nossa vida é efetivo. Não há mais separação entre vida "real" e "virtual"; é um continuum. Por isso, o maior desafio da democracia hoje é a regulamentação dessas plataformas. Não podemos permitir que elas dirijam as massas conforme seus interesses, eliminando a contingência e o debate.

**Bruno Coutinho:** “Essa tentativa de controle nos leva ao tema da saúde mental. O "loser" que não aceita o fracasso acaba caindo na depressão. Como você vê o papel da indústria farmacêutica nesse ciclo de adoecer para consumir a cura?”

**Érico Andrade:** O capitalismo produz a doença e gerencia o sofrimento. A melancolia, como trato no livro, é um encerramento em si mesmo. O *loser* melancólico é aquele que privatizou a culpa: ele acredita que é o único responsável por não ter dado certo. O sistema "dociliza os corpos" ao oferecer medicações que não curam a causa social do sofrimento, mas apenas tornam o indivíduo novamente funcional. O remédio serve para que você continue operando dentro do sistema que te adoeceu.

**Érico Andrade:** Há também outra face desse adoecimento. Quando o indivíduo não consegue mais suportar a culpa, ele projeta o seu fracasso no "outro". Ele elege inimigos — os progressistas, os ambientalistas, os "comunistas" — como responsáveis pela sua falta de prosperidade. Isso explica a compactação de movimentos como o bolsonarismo. É a transição da melancolia do *loser* para uma espécie de psicopatia social, onde o ódio é dirigido a quem questiona o sistema. O filme *Coringa*<sup>4</sup> exemplifica bem esse "loser" que, desconectado da sociedade, explode em violência. Recentemente, vimos isso na prática com o homem que se explodiu em Brasília vestido como o personagem.

**Bruno Coutinho:** É um desafio para o diálogo político, pois muitos desses indivíduos estão no mundo do trabalho, mas não se veem mais como classe trabalhadora. Eles querem ser "empreendedores", vencendo pelo próprio suor, mesmo em condições precarizadas.

**Érico Andrade:** Exato. A solução para a precarização passou a ser vista como uma saída individual (o empreendedorismo) e não mais como um questionamento coletivo do sistema de exploração. As pessoas buscam não ser

---

<sup>4</sup> Direção: Todd Phillips. Produção: Todd Phillips, Bradley Cooper e Emma Tillinger Koskoff. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2019. 1 bobina de vídeo (122 min), son., color.

atingidas pela precarização individualmente, em vez de combater a estrutura que a gera.

**Bruno Coutinho:** Para encerrarmos, pensando na linguística aplicada e na produção de novos sentidos: é possível produzir outros afetos que nos tirem dessa lógica?

**Érico Andrade:** A esperança é uma prova do presente. Não podemos perder a capacidade de nos entristecer e nos indignar com a miséria alheia. O caminho é quebrar as blindagens individuais e permitir-se tocar pelo afeto da solidariedade e do companheirismo. Reconhecer que nenhuma vida deveria ser vivida na fome ou na humilhação é o primeiro passo para criar uma linguagem de resistência.

**Bruno Coutinho:** Érico, muito obrigado. Sua obra é fundamental para compreendermos o tempo presente.

### 3. Conclusão

Ao longo da entrevista, Érico deixa claro como esse sujeito moderno operacionaliza sua condição de existência na sociedade atual e quais os efeitos dessa lógica na vida do indivíduo e da própria sociedade como um todo. Como entendemos o fracasso – e seus desdobramentos na vida mental e social –, e contraditoriamente, reforçamos os mecanismos que nos adoecem e nos fazem infelizes. Como individualizamos o sofrimento como meio para justificar a permanência da lógica que nos faz sofrer na sociedade capitalista. No entanto, acredita que há espaços para se questionar tal lógica, possibilitando novas formas de afetos que podem ressignificar as relações sociais e humanas na contemporaneidade.

### Referências

ANDRADE, Érico. (2019). *Sobre losers: fracasso, impotência e afetos no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Discurso Editorial.

LOCKE, John. (2005). *Dois tratados sobre o governo*. Tradução de Júlio Fischer. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, Michel. (2014). *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREUD, Sigmund. (2013). *Psicologia das massas e análise do eu*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM.

BOURDIEU, Pierre.(2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk.